

GRAVURAS DE MANUEL MESSIAS DOS SANTOS: A DRAMÁTICA DUALIDADE DE UMA OBRA FANTÁSTICA

ENGRAVING BY MANUEL MESSIAS DOS SANTOS: A DRAMATIC DUALITY OF A FANTASTIC WORK

Paulo Leonel Gomes Vergolino

PPG em Educação, Arte e História da Cultura da
da Universidade Presbiteriana Mackenzie

Regina Lara Silveira Mello

PPG em Educação, Arte e História da Cultura da
Universidade Presbiteriana Mackenzie

RESUMO

O artigo apresenta reflexões sobre a obra do artista brasileiro, pintor e gravador Manuel Messias dos Santos (Sergipe, 1945 – Rio de Janeiro, 2001). As obras selecionadas para esta pesquisa estão incorporadas às coleções Kornis e Gutman, do leiloeiro Evandro Carneiro, no Rio de Janeiro, e do acervo do Museu Afro Brasil, em São Paulo. Artista negro, de poucas poses e poucos estudos, produziu gravuras e pinturas de caráter vibrante, carregadas de simbologias e idiosincrasias. A investigação aponta conexões e peculiaridades da obra, com destaque à xilogravura, ressaltando características plásticas e únicas de tão singular poética, ponto alto de sua curta carreira profissional. São nomeados outros artistas negros pouco conhecidos na arte brasileira, como forma de demonstrar a importância da pesquisa dedicada ao estudo das minorias.

PALAVRAS-CHAVE

Gravura; História da Arte Brasileira; Manuel Messias dos Santos; xilogravura.

ABSTRACT

The article presents reflections on a work by the Brazilian artist, painter and engraver Manuel Messias dos Santos (Sergipe, 1945 - Rio de Janeiro, 2001). The works selected for this research are incorporated into the Kornis and Gutman's, Evandro Carneiro's, in Rio de Janeiro, and to the Afro Brasil Museum's collections, in São Paulo. Black artist, of few possessions and few studies, produces prints and paintings of a vibrant character, carried of symbols and

idiosyncrasies. The investigation indicates connections and peculiarities of the work, with emphasis on woodcut, highlighting plastic and unique characteristics of such a singular poetics, highlighting his short professional career. Other little-known black artists in Brazilian art are named as a way to demonstrate the importance of research dedicated to the study of minorities.

KEYWORDS

Engraving; Brazilian Art History; Manuel Messias dos Santos; woodcut.

Segundo Carlos Oswald “A gravura é arte mais democrática pois ela tem por fim baratear as obras para alcançar todas as camadas da sociedade”. (apud FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO, 1974, p. 09). Observamos hoje, com grande interesse e redobrada surpresa, o número crescente de pesquisas voltadas a artistas pouco conhecidos do grande público ou quase nada incensados pela mídia. Artistas que, em contraste à pouca visibilidade que recebem, são detentores de grande talento e indescritível importância para o estudo e valorização de suas poéticas na arte visual brasileira.

A história da gravura brasileira, marcada por altos e baixos, foi desde o século XIX apenas vista como arte de reprodução – uma técnica de menor importância que cedeu espaço de maior privilégio e visibilidade à pintura e à escultura. A gravura, especialmente a impressão de arte (quando o gravador vai da concepção à realização das provas, passando pela produção de originais inéditos, sem configuração reprodutiva de uma obra já criada), liberta de seu julgo de coadjuvante torna-se, em princípios do século XX, arte maior. Num país tão cheio de turbulências e descompassos, a opção de ser artista não foi, e não é até hoje, tarefa das mais fáceis – e torna-se ainda mais árdua quando se trata de minorias, sejam elas quais forem.

Em 25 de outubro de 1945, nasce em Aracajú, Sergipe, um homem negro que viria a se tornar pintor e gravador. Manuel Messias dos Santos (1945-2001), nascido em família pobre e de muitas dificuldades financeiras, segue ainda criança com uma tia e uma das avós para Salvador, Bahia, em 1949. A tia passa a trabalhar como empregada doméstica para o antigo diretor do Museu de Arte Moderna da Bahia, Leonídio Ribeiro – fato que contribuiu, de certa forma, para o ingresso precoce de Messias ao universo artístico.

Em 1952, com apenas sete anos de idade, o artista já estudava no Rio de Janeiro, na Escola Municipal Luiz Delfino. Aos dezesseis, é orientado por dois grandes nomes das artes visuais, pintores e gravadores, Abelardo Zalar (1924-1987) no MNBA, 1961, e Ivan Serpa (1923-1973), no MAM, 1962. Messias se propõe a fazer xilogravura, embora tenha, ao longo da carreira, praticado a pintura e a gravura em metal, com menor frequência.

Outros artistas negros se destacaram antes de Messias, deixando suas marcas na história da arte nacional. Na virada do século XIX para o XX, tivemos alguns nomes de grande capacidade técnica e artística para a pintura e gravura, dignos de todas as honrarias, mas pouco

conhecidos, produzindo obras que, até hoje, carecem de crítica mais aprofundada e ampla, ficando suas poéticas em certo suspense.

Um nome incontestavelmente referenciado como mestre da natureza morta é o pintor carioca Estevão Roberto da Silva (1844-1891), o primeiro artista negro a se formar na Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro e, como é de se supor, principalmente em tempos de império e escravidão, precisou lutar contra os preconceitos e batalhar para expor e valorizar sua obra no escasso mercado de arte da época.

A concorrência com a elite branca, machista, racista e patriarcal, influenciada fortemente por ditames europeus, nunca lhe facilitou o acesso. Mesmo assim, a poética do artista se manteve viva, sendo hoje motivo de disputa por museus e colecionadores do país inteiro, que reconhecem nele um dos melhores representantes da pintura de frutas e natureza morta.

Sabemos, não sem pesar que, nossos artistas sofreram e sofrem revezes; as artes, não são prioridade e talvez nunca sejam; mesmo assim, Manuel Messias produziu um conjunto de obras de arte singular.

No Brasil, o sistema escravocrata transformou-se num modelo tão enraizado que acabou se convertendo numa linguagem, com graves consequências. Grassou por aqui, do século XV ao XIX, uma escandalosa injustiça amparada pela artimanha da legalidade. Como não havia nada em nossa legislação que vetasse ou regulasse tal sistema, ele se espalhou por todo o país, entretanto firme nos “costumes da terra”. Imperou no nosso território uma grande bastardia jurídica, a total falta de direitos de alguns ante a imensa concentração de poderes nas mãos de outros (SCHWARCZ, 2019, p. 27).

Muitos como Messias, e fora do terreno nas artes, também nos legaram importantes e muitas vezes desconhecidas contribuições – estamos aqui elencando, entre outros, profissionais do teatro, do cinema, da música e da literatura. Quantos nestas áreas afins eram artistas negros e negras? Quantos conseguiram se sobressair, resistir e lutar contra um sistema composto de homens brancos, elitistas e culturalmente excludentes? Enfim, nossas pesquisas avançam nas artes visuais e em outras searas, as surpresas sobre a vida e a obra dessas minorias, quando postas a descoberto, tem sido surpreendente.

Na esteira dessas observações, também no início do século XX, destacam-se dois irmãos nascidos e criados em família humilde: Arthur Timóteo da Costa (1882-1923) e João Timóteo da Costa (1879-1932). Sempre juntos, enfrentaram todo tipo de adversidade, trabalhando incansavelmente a favor da decoração, da pintura (em todos os gêneros) e da gravura.

Extremamente competentes e com melhores oportunidades profissionais que Estevão Silva, os irmãos Timóteo seguiram para o exterior, com significativas atribuições como a decoração conjunta do pavilhão brasileiro na Exposição Internacional de Turim, Itália, 1911, logo depois

que Arthur conquistou o prêmio de viagem à Europa na Exposição Geral de Belas Artes no Brasil (onde produziu gravuras raras, especialmente em Paris, por volta de 1910).

Nesse contexto e com as rápidas referências expostas de artistas negros no Brasil, olhamos à potente obra de Manuel Messias dos Santos, durante sua vida e após o falecimento, em 2001.

A Caixa Cultural do Rio de Janeiro apresentou pela primeira vez ao grande público uma exposição individual póstuma, intitulada "Manuel Messias nas Coleções Gutman e Kornis", com 68 trabalhos (sendo 62 gravuras, seis pinturas a óleo e técnicas mistas).

O conjunto da mostra foi composto por xilogravuras em preto e branco, produzidas na década de 1960 e, posteriormente, já por volta de 1974, de gravuras em cor, com destaque para a xilogravura *Drama Dor*, 43 x 38,5 cm, da coleção Guilherme Gutman (figura 01). As xilogravuras, geralmente de pequeno e médio formato, estão no catálogo da exposição em sentido cronológico, como determinou a curadoria.

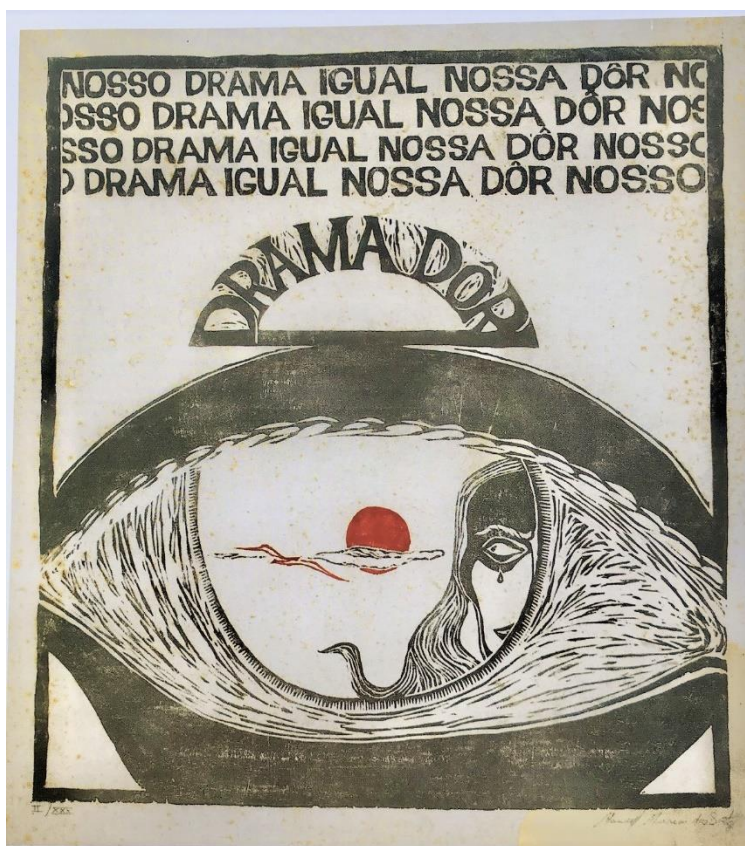


Figura 1. Manuel Messias dos Santos, *Drama Dor*, c.1974. Xilogravura, 43 x 38,5 cm.
Col. Guilherme Gutman, Rio de Janeiro, RJ.

As estampas de Messias, em início de carreira, são deveras tímidas e em pequeno formato, mas já demonstram certa influência da escola expressionista, que passou a fazer parte do seu trabalho ao longo de toda a sua existência.

Na xilogravura, é compreensível pensar que o artista tenha escolhido esta técnica por ser mais barata, se comparada às técnicas da litogravura, calcogravura e serigrafia, mais onerosas. Nas mãos, apenas uma matriz de madeira, um instrumento cortante que servisse como goiva, tinta de impressão e algo para pressionar o papel no taco entintado (que poderia ser uma simples colher de pau), parece fazer mais sentido, financeiramente.



Figura 2. Manuel Messias dos Santos, O Cangaceiro do Lago, 1966. Xilogravura, 45 x 44,5 cm.
Col. Mônica e George Kornis, Rio de Janeiro, RJ

A vivência pessoal entra na obra de Manuel Messias dos Santos refletindo as adversidades impostas à produção de gravuras, quando não logrou o suficiente para sua subsistência. Essas dificuldades se refletem diretamente em obras que exsudam dor, morte, pesar, medo, desassossego, aflição e tudo que parece tornar a vida algo quase que insuportável.

Em 1990, ele passa a morar nas ruas do Rio de Janeiro e, em 1995, recebe diagnóstico de “transtorno delirante persistente”, em laudo psiquiátrico emitido pelo médico P.G. Delgado. Na ocasião, é internado no Instituto Dr. Philippe Pinel, no Rio de Janeiro, na companhia da inseparável mãe – que faleceu no ano seguinte.

Desse caldeirão de imensos dramas, Messias brilhantemente cria uma obra nuclear, de grande impacto visual, recheada de tal força criativa e composicional, poucas vezes contemplada na

história da gravura brasileira. É como se a dualidade entre a plenitude da vida e a inevitabilidade da morte fossem o maior e o melhor combustível para o nascimento e florescimento de sua obra. Messias faz uso de seu repertório humano e transforma todo esse pesar em puro delírio visual.

Suas obras nos mostram a trajetória de um homem negro, em busca de reconhecimento na arte visual brasileira, em meio a uma vida por vezes amarga e cheia de desafios quase intransponíveis. Mesmo diante de tantos infortúnios, o mestre tem seu trabalho exposto dentro e fora do país, como Bogotá, Quito, Lima, Panamá e San Domingos (no 14º Salão Nacional de Arte Moderna, 1965). Um ano depois, envia trabalhos para Bayreuth, na Alemanha, no Festival Wagner e recebe menção de aquisição. As dificuldades financeiras, no entanto, sempre o perseguiram, obrigando continuamente Messias a voltar à estaca zero.

Contudo, ainda que as aproximações entre as características iniciais de sua obra gráfica – reforçadas pelo impacto de títulos como “fome” ou “Sobrevivência” – e as suas duas primeiras décadas de vida sejam muito pertinentes, teremos neste ponto um problema de difícil resolução; na verdade, uma questão bastante ampla: em que medida a obra reflete, plasma, constrói ou desconstrói elementos da vida do artista? Em que medida faria sentido, por exemplo, analisarmos a primeira fase de sua obra pela miséria que experimentou na vida? (GUTMAN, 2011, p.19).

Nos anos de 1960, Messias traz para o mundo da gravura um conjunto de trabalhos que funcionam como louváveis exemplos de equilíbrio visual entre o negro profundo, conseguido pelo rebaixamento e consequente preenchimento de tinta aos veios da matriz, e o branco extremo do papel.

As temáticas selecionadas são variadas e ligam-se indubitavelmente a uma atmosfera de sonho – ou pesadelo, assim como rege os ditames do surrealismo: figuras retorcidas lutando e se transformando em monstros, cenas de enterros, a luta entre o bem e o mal, o sequestro de donzelas por seres fantásticos e a captura e/ou deglutição de seres humanos por figuras zoomorfas – um convite à dimensão que nos tira do prumo e nos embevece diante de obras que mais parecem uma inegável luta entre seres humanos e criaturas monstruosas.

Observa-se além da composição equilibrada e certa, conquistada na elaboração de gravura em gravura, uma atmosfera densa de eterna luta entre elementos opostos e por que não, complementares: o homem *versus* natureza, o que é deste mundo e o que vem sabe-se lá de onde, luz e trevas, amor e ódio, da religião ou do ateísmo. Tudo nos leva a crer que Messias vivia em constante embate consigo próprio ao produzir um trabalho que figura, em destaque, na miríade de excelentes gravadores brasileiros. É dessa inquietude constante que nasciam suas estampas.



Figura 3. Manuel Messias dos Santos e Ivan Serpa (1923-1973), P.A., década de 1960, Xilogravura, 48 x 38 cm. Col. Particular.

A gravura acima (Figura 3) foi produzida a quatro mãos, possuindo duas assinaturas na mesma gravura. Messias recebeu, na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, ensinamentos teóricos e práticos de Ivan Serpa. Na coleção Mônica e George Kornis, figura uma estampa (figura 04), datada de 1967, de 30,5 x 23,5 cm, intitulada "Ivan Serpa", este, é representado por Messias, de perfil - braços cadavéricos, e um volume no dorso que parece se destacar sugerindo o formato de asas, num incomum retrato na técnica da xilogravura.

Este tipo de ação, entre os gravadores, é muito raro, poucas interações ocorrem nesse sentido no mundo da gravura, nesse caso, ao assinarem juntos uma obra, estando em perfeita comunhão entre professor e aluno.

Assim como a homenagem feita ao artista Ivan Serpa, também encontramos uma outra homenagem, em uma outra gravura intitulada à lápis: *Jockey Club Brasileiro – tempo de baixo gávea*, porém, constando no centro da composição a palavra - Goeldi. Alusão direta a um dos grandes nomes da gravura moderna brasileira, o carioca Oswaldo Goeldi (1895-1961).



Figura 4. Manuel Messias dos Santos. Ivan Serpa (dedicatória – ao amigo Fernando Goldgaber) 3/10, 1967. Xilogravura, 30,5 x 23,5 cm. Col. Mônica e George Kornis, Rio de Janeiro, RJ.

O acervo do Museu Afro Brasil, em São Paulo, é composto por uma significativa e necessária coleção de objetos bidimensionais e tridimensionais de artistas negros brasileiros e estrangeiros, em meio a peças do cotidiano, de decoração e votivas, entre uma infinidade de elementos que compõem a riquíssima produção material desse povo sincrético, que por aqui nasceu ou se instalou definitivamente. No acervo específico de Manuel Messias dos Santos destacam-se gravuras de médio porte e apenas uma em grande formato. No total, um conjunto de seis trabalhos, do final dos anos de 1960 a 1980.

Ao analisarmos o conjunto gravado de Messias, observamos que seus trabalhos vão se alongando em tamanho e evoluindo em complexidade. O formato vertical torna-se algo privilegiado pelo artista. Surge a entrada vigorosa da cor – um colorido que não suplanta a composição em si dos trabalhos, pelo contrário está subordinada a ele e se apresenta, por vezes, num pequeno e pontual detalhe.

As tiragens dos trabalhos dividem-se em séries que vão de 05, 10, 20, 30, 50 a cerca de 87 estampas retiradas da mesma matriz. Existe apenas uma exceção, intitulada *Casa inabitável século dezesseis*, da coleção Guilherme Gutman, com tiragem de mil exemplares (talvez um erro numérico, com o registro de um “0” a mais – não sabemos). Nas obras presentes no acervo Museu Afro Brasil, as tiragens não seguem padrão estabelecido, quando comparadas a outras coleções – visto que foram encontradas tiragens que vão de 1/20 a 1/50 ou mesmo sem tiragens identificadas.

A titulação dos trabalhos não segue um padrão. Existem gravuras em preto e branco ou coloridas com título e outras, claramente advindas das mesmas matrizes, sem título. A assinatura de Messias figura frequentemente na parte inferior da obra, muitas vezes no canto direito e algumas vezes ao centro. Datas, quando existem, aparecem na parte inferior, nas laterais ou no centro da obra original. Isso mostra que, apesar de Messias conhecer claramente as regras clássicas de nomenclatura em gravura, ele opta por não seguir à risca tais informações, mudando dados a cada novo trabalho – o que torna cada estampa, consequentemente, ainda mais especial.



Figura 5. Fotografia de xilogravuras de Manoel Messias dos Santos, pertencentes ao acervo do Museu Afro Brasil, São Paulo, SP.

Por outro lado, a crítica da imagem produz ainda uma imagem dialética - em todo caso seria esta sua tarefa mais justa. O crítico de arte, com efeito, se acha diante de seu próprio vocabulário como diante de um problema de faíscas a produzir de palavra a palavra, friccionando, por assim dizer, palavras com palavras. Como encontrar, como produzir com palavras a conflagração que, na imagem, nos olha? Esse é exatamente o problema - que Benjamin figurava praticamente como um problema de escultura, de baixo-relevo ou de gravura, como um problema de suporte martelado: "Encontrar palavras para o que se tem diante dos olhos, como isso pode ser difícil. Mas quando vêm, elas batem o real com pequenas marteladas até que nele tenham gravado a imagem como numa chapa de cobre" (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 184).

Atualmente, a coleção Evandro Carneiro, no Rio de Janeiro, conta com 18 trabalhos, grande parte deles em xilogravura, sem desprezar algumas raras pinturas de caráter acentuadamente fauvista e que contribuem para a pluralidade do acervo. Coleções como estas refletem o crescente apreço do mercado de arte pelo trabalho de artistas como Manuel Messias e demonstram o quanto - se bem regatados - nossos artistas podem e devem ser valorizados.

Na totalidade dos trabalhos, Messias notadamente melhor afirmou-se como artista na área da gravura, com obras que açambarcam o final dos anos 1960, passando pelos anos 1970 (quando passa a agregar até o fim de sua carreira um importante elemento de composição visual às obras: o uso de palavras e frases contundentes) e, pelo que nos parece, até os anos 1990, quando ele, deliberadamente, embarca na produção de algumas poucas e relevantes pinturas.

Na esteira da já reconhecida xilogravura de cordel - poética tão incensada no nordeste brasileiro, tendo o uso da palavra como elemento amalgamado à própria gravura em si, e trazendo, portando, toda a significação linguística do texto ao universo dos elementos visuais - inspira e comove o artista, que passa a ver na palavra elemento fundamental de suas obras, e segue nesse caminho sem titubear.

Importante destacar que a gravura de cordel possui um poder de sedução e de educação através da imagem e da palavra. Messias parece reconhecer, como nordestino, o poder dessa mistura e embarca na poderosa e eficaz ação de entrelaçar as duas partes, tendo por finalidade a comunicação impactante de seu acervo gravado com seu público.



Figura 6. Fotografia - funcionário do leiloeiro, segura uma gravura de Manuel Messias dos Santos, sem título, sem medidas descritas e sem data, obra pertencente à Coleção Evandro Carneiro, Rio de Janeiro, RJ.

A partir da década de 1970, a força da palavra incorporada à imagem acaba por defini-la em si, ou mesmo passa a ser seu foco principal. São comuns na poética de Messias as palavras morte, dor, medo, armas, violência, vida e amor.

Em uma gravura de 1974 feita com as palavras “nessa noite - nossa cama – os lençóis brancos – nosso amor”, o artista tende a mostrar uma relação temporal e física entre amor e sexo, por exemplo. Faz-se primordial destacar que, nas coleções nos deparamos também com um alfabeto pessoal e indecifrável, até hoje, de letras e/ou símbolos que ele mesmo cria, desenvolve e imprime em suas obras.

A obra, em certo momento da análise, ganha um “acento” de alguém que respeitava os ensinamentos do catolicismo – para o bem ou para o mal. São encontradas diversas alusões católicas a partir de palavras como “gólgota” e/ou frases de efeito como “está consumado”, “eu sou o pão vivo que desceu do céu”, “não sabem o que fazem”, “não acho crime neste homem”, “e saiu sangue e água”. Parece pouco provável que a força da religião não tenha, minimamente, influenciado Messias nesse período.

Cheio de dualidades, Messias também volta os olhos às religiões de matriz afro-brasileiras quando imprime uma estampa intitulada “expressionismo marginal – as palavras”, datada de

1983 (col. Mônica e George Kornis). Na gravura vê-se a representação de uma oferenda, bem como, na mesma estampa, outros símbolos ligados às matrizes africanas, que fazem uma clara alusão à realidade sincrética brasileira e por que não, também fruto de certa vivência pessoal.

Ao definir uma obra de arte como “um objeto feito pelo homem que pede para ser experimentado esteticamente” encontramos, pela primeira vez, a diferença básica entre humanidades e ciências naturais. O cientista, trabalhando como faz com fenômenos naturais, pode analisá-los de pronto. O humanista, trabalhando, como o faz, com as ações e criações humanas, tem que se empenhar em um processo mental de carácter sintético e subjetivo: precisa refazer as ações e recriar as criações mentalmente. (PANOFSKY, 2014, p. 33-34)

Todo esse rico repertório posiciona Manuel Messias dos Santos como senhor de uma deliciosa fantasia, que percebe o humano de maneira peculiar e o representa, sem equivalência dentro da história da gravura brasileira e que precisa ser evidenciada com maior divulgação de sua poética.



Figura 7 (à esq.): Manuel Messias dos Santos, O casamento dos judeus, 1968. Xilogravura colorida, 28 x 25 cm. Coleção particular, São Paulo, SP. Figura 8 (à dir.): Manuel Messias dos Santos, Sem Título, 1967. Xilogravura, 28 x 25 cm. Col. Guilherme Gutman.

Nos exemplos das figuras 7 e 8, demonstra-se que Messias trabalhava e retrabalhava suas matrizes. Essas duas gravuras são parte de um conjunto de quatro obras em que o artista explora a temática judaica. A imagem à direita é uma gravura em preto e branco produzida um ano antes da gravura colorida (à esquerda). Excetuando-se a localização da assinatura do artista e as dimensões da gravura, nada mais se repete.

A gravura em preto e branco (tiragem 3/10), sem título definido, contrapõe-se à colorida (27/30), intitulada “O casamento dos judeus” – o que nos remete à mostra feita sobre o artista na Caixa Cultural do Rio de Janeiro, em 2011, em que aparecem fotografadas no catálogo, com mais duas gravuras em preto e branco, datadas de 1967, na temática judaica.

Ao analisarmos as quatro obras com redobrada atenção, nota-se a semelhança entre rostos, gestual das figuras, corte na matriz, região de luz, bem como a força dos olhos gravados de forma tensa e em grande formato.

O conjunto ao qual denominamos – judaico – reflete a observação sensível do artista em relação ao desenrolar de uma sociedade sul-americana pulsante e plural. O tema das religiões é frequente na obra do artista, em que é possível observar elementos da cultura afro-brasileira.

Os judeus de Messias não estão em paz, parece que algo os perturba e os assusta. Seus semblantes refletem o que aqui postulamos. As quatro gravuras (3 das coleções Kornis e Gutman) e uma (da coleção do pesquisador) foram um microcosmo no universo da poética de Messias, assim como se pode elencar – os seres fantásticos, as figuras humanas, aos animais e a tantos outros universos seguidos e reverenciados pelo artista.

Assim como Messias, somamos a poética de outros raros artistas, também negros, como Miguel Dutra (1810-1875); Benedito José Tobias (1894-1963); Benedito José de Andrade (1906-1979); Emmanuel Zamor (1840-1917); Firmino Monteiro (1855-1888); Horácio Hora (1853-1890); Antônio Rafael Pinto Bandeira (1863-1896); Rafael Frederico (1865-1934); Isaltino Barbosa (1867-1935); Wilson Tibério (1923-2005) e mais recentemente, Hélio de Oliveira (1929-1962), Juarez Paraiso, Emanuel Araújo e Rubem Valentin (1922-1991), seguindo em franca expansão e valorização, outros nem tanto mas, sedimentando merecidos espaços nas artes visuais.

Messias, nas coleções citadas e analisadas, comprova sua invulgar qualidade plástica. Sua obra foi seu legado, justa e brilhante forma de ver o mundo, representá-lo e vivê-lo. A obra existe através do artista, cabe, portanto, apenas a nós perpetuar seu legado, transformando-o num digno representante do melhor de nossa arte.

Referências

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. **Mostra da Gravura Brasileira**. Bienal de São Paulo, Gráfica Excelsus Ltda., São Paulo, 1974, p. 144.

SCHWARTZ, Lilia Moritz. **Sobre o Autoritarismo Brasileiro**. Companhia das Letras, São Paulo, 2019, p. 273.

GUTMAN, Guilherme; KORNIS, George. **Manuel Messias nas coleções Gutman e Kornis**. Caixa Cultural Rio de Janeiro, de 07 de setembro a 30 de outubro de 2011, Rio de Janeiro, 2011, p.88.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Editora 34, São Paulo, 2018, p. 260.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. Editora Perspectiva Ltda., São Paulo, 2014, p 442.

Paulo Leonel Gomes Vergolino - Formado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará em 1995; Especialização em Museologia pelo MAC e MAE – ambas instituições ligadas à Universidade de São Paulo – USP. É Mestre em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP em 2015 e doutorando pelo programa: Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie – PPG de São Paulo.

Regina Lara Silveira Mello – Artista Visual e Professora Pesquisadora no PPG em Educação, Arte e História da Cultura, e do Curso de Design da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo; Pós-Doutorado na VICARTE (Vidro e Cerâmica para as Artes - FCT-UNL, Lisboa) Doutora em Psicologia (PUC Campinas); Mestre em Artes (UNICAMP) e Designer pela UPM. Membro da ANPAP – Comitê de Educação em Artes Visuais (EAV).